

DANÇAS DE SALÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA E PROJETOS DE DANÇA: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO

Anderson José de Oliveira¹, Wilson Alviano Junior²

1 Doutorando em Educação e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista em "Educação Física Escolar" e "Arte e Educação Infantil". Licenciatura plena em Educação Física e Licenciado em Pedagogia. Professor efetivo de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora/MG e na Rede Estadual de Ensino de MG. Integrante dos Grupos de Pesquisas GEFLIC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Linguagem e Cultura) e GPCD (Grupo de Estudos e Pesquisa: Corpo, Culturas e Diferença), ambos vinculados a Universidade Federal de Juiz de Fora.

2 Licenciatura em Educação Física - Faculdades de Educação e Cultura do Abc (1992), mestrado em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (2003), doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2011). Realizou estágio Pós Doutoral na Faculdade de Educação da USP, com bolsa PDJ do CNPq. Atualmente é membro do comitê científico do GTT escola no CBCE - Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. É professor associado na UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora, na qual atua como docente no Departamento de Educação e no Programa de Pós Graduação em Educação e coordena o GEFLIC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Linguagem e Cultura.

Correspondência para: andersonjfmgr@gmail.com

Submetido em 09 de junho de 2022

Primeira decisão editorial em 08 de julho de 2022.

Segunda decisão editorial em 19 de setembro de 2022.

Aceito em 20 de dezembro de 2022

RESUMO: Objetivamos problematizar como a temática Danças de Salão é trabalhada na escola, tanto nas aulas de Educação Física quanto no contraturno dos alunos por meio de projetos. As discussões aqui realizadas foram fundamentadas nos estudos culturais, possuindo caráter bibliográfico e autoetnográfico. Em relação a esse último, ele se dá pela prática docente de um dos autores em uma escola pública da periferia da cidade de Juiz de Fora. Foi possível perceber potencialidades dessa temática na escola que perpassam, dentre outros, pela valorização de elementos vinculados à cultura popular brasileira. Foram percebidas, também, dificuldades no trabalho com dança relacionadas, por exemplo, a questões de gênero. A relevância das discussões aqui realizadas se dá pelo fato de que, apesar de ser legitimado por

documentos oficiais como a BNCC (BRASIL, 2018) e ser defendido por diferentes autores, como Sborquia (2002), ainda é pequeno o trabalho com a temática dança no ambiente escolar se comparado a outros temas da cultura corporal. Chegamos à conclusão que o trabalho com dança na escola possui grandes potencialidades, sendo necessário, assim, ser mais tematizado nas escolas e mais discutido no meio acadêmico e também na formação de professores.

Palavras chaves: Danças de Salão, Dança Educação, Educação Física.

ROOM DANCING IN PHYSICAL EDUCATION AND DANCE PROJECTS: POSSIBILITIES OF ACTION

ABSTRACT

We aim to problematize how the Ballroom Dancing theme is worked on at school, both in Physical Education classes and in the students' after-hours through projects. The discussions held here were based on cultural studies, having a bibliographic and auto-ethnographic character. Regarding the latter, it is due to the teaching practice of one of the authors in a public school on the outskirts of the city of Juiz de Fora. It was possible to perceive the potentialities of this theme in the school that permeate, among others, the appreciation of elements linked to Brazilian popular culture. Difficulties were also noticed in working with dance related, for example, to gender issues. The relevance of the discussions held here is due to the fact that, despite being legitimized by official documents such as the BNCC (BRASIL, 2018) and being defended by different authors such as Sborquia (2002), there is still little work with the theme of dance in the environment school compared to other themes of body culture. We came to the conclusion that working with dance at school has great potential, therefore, it needs to be more thematized in schools and more discussed in the academic environment and also in teacher training.

Keywords: Ballroom Dancing, Education Dance, Physical Education.

EL BAILE DE SALA EN PROYECTOS DE EDUCACIÓN FÍSICA Y DANZA: POSIBILIDADES DE ACTUACIÓN

RESUMEN: Pretendemos problematizar cómo se trabaja el tema del Baile de Salón en La escuela, tanto en las clases de Educación Física como en las horas extras de los alumnos a través de proyectos. Las discusiones aquí sostenidas se basaron en los estudios culturales, teniendo un carácter bibliográfico y autoetnográfico. Respecto a este último, se debe a La práctica docente de uno de los autores en una escuela pública de la periferia de La ciudad de Juiz de Fora. Fue posible percibir las potencialidades de este tema en La escuela que permean, entre otros, La apreciación de elementos vinculados a la cultura popular brasileña. También se notaron dificultades en El trabajo con La danza relacionadas, por ejemplo, con cuestiones de género. La relevancia de las discusiones aquí sostenidas se debe al hecho de que, a pesar de estar legitimadas por documentos oficiales como el BNCC (BRASIL, 2018) y defendidas por diferentes autores como Sborquia (2002), todavía hay poco trabajo con el tema de La danza en el ambiente escolar frente a otros temas de cultura corporal. Llegamos a la conclusión de que trabajar con La danza en La escuela tiene un gran potencial, por lo tanto, necesita ser más tematizado en las escuelas y más discutido en el ambiente académico y también en La formación de profesores.

Palabras clave: Bailes de Salón, Educación en Danza, Educación Física

INTRODUÇÃO

Nesse momento inicial de um trabalho que versa sobre as danças de salão, é importante destacar que a pesquisa com essa temática é necessária pois, apesar de a dança ser legitimada por documentos oficiais como a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018); apesar de a dança estar presente em dois componentes curriculares – Artes e Educação Física; apesar de ser defendida como um campo de trabalho na escola por inúmeros autores, como Isabel Marques (2012), Silvia Sborquia (2002) e Carla Morandi (2011); apesar de existirem no Brasil graduações específicas para dança; apesar de essa temática ser tratada em diferentes cursos de especialização, mestrado e doutorado, ela ainda se encontra em uma posição inferior se comparada às demais manifestações artísticas (STRAZZACAPPA, 2011) e tem sido pouco valorizada por um número significativo de profissionais e estudantes no ambiente escolar (TOSTI e RINALDI, 2012).

A dança como um todo é, regularmente, desprestigiada nas escolas e, dentro dessa temática, modalidades como as danças de salão apresentam uma certa desvalorização quando comparadas a outras vertentes como a dança clássica¹. Além disto, as danças de salão podem trazer para o ambiente escolar conflitos relacionados a:

- Timidez: estar com seu corpo próximo ao de um colega de turma realizando movimentos síncronos pode gerar constrangimentos, “vergonha” nas crianças e adolescentes.
- Religiosidade: existe a possibilidade de ocorrerem restrições de cunho religioso em alguns momentos se considerarmos que as danças de salão trazem um contato mais próximo em relação aos corpos dos dançarinos quando executam movimentos em duplas ou pares.
- Gênero: em relação a questões de gênero vinculadas às danças de salão, destacamos o trabalho de Anderson de Oliveira e Luciana Gouvêa (2014), que, através da análise do filme “Vem Dançar” aliada a uma bibliografia de suporte, concluíram que as danças de salão são algo vinculado pelos alunos ao universo feminino. Sendo assim, temos uma recusa maior dos alunos do gênero masculino em participar dessa manifestação cultural. Isto gera uma desproporção na quantidade de meninos e meninas para a

1 Tal constatação foi feita através de estudos realizados dentro do projeto de pesquisa “Educação Física e temas dissidentes: a produção do conhecimento em ginástica, dança e deficiência”, integrado ao Grupo de Estudos e Pesquisa: Corpo, Culturas e Diferença (GPCD), vinculado à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Nesses estudos também constatamos que a dança, assim como as danças de salão são, no geral, pouco tematizadas no ambiente escolar se comparadas a outras temáticas da Educação Física. A expressão danças de salão é utilizada no plural por entender que essa modalidade engloba uma variedade de danças como o samba, o forró, a valsa, o zouk, dentre outras.

realização das aulas. Essa desproporção faz com que meninas tenham que dançar com outras meninas e executar movimentos normalmente direcionados ao cavalheiro. Tal situação gera conflitos que devem ser resolvidos cotidianamente.

- Geracional: as danças de salão, na escola, podem ser vistas como algo pertencente ao universo da “terceira idade”, ou seja, uma dança destinada a pessoas “mais velhas”.²

Apesar dessas limitações, as danças de salão podem propiciar aos alunos a vivência de músicas e danças que estão intimamente vinculadas à cultura do Brasil, como o forró, o samba, o *zouk*, dentre outras. Podemos contextualizar, através delas, por exemplo, a forma como o samba era representado quando surgiu no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro³, inicialmente reprimido e não aceito pela sociedade, e a representação que passa a ter dentro de movimentos como a Bossa Nova, presente em ambientes mais elitizados, ou desmistificar tabus relacionados à dança, tais como as questões de gênero citadas anteriormente. Esse trabalho pode servir como instrumento que auxilia os alunos a entenderem como as manifestações culturais são representadas na sociedade e a que interesses/visões de mundo essas representações atendem.

As danças de salão são, em conjunto, um elemento riquíssimo da cultura corporal⁴ para ser tematizado nas aulas de Educação Física. Essa cultura, na visão de Gramorelli e Neira (2016), dentro de uma perspectiva referenciada nos estudos culturais, não diferencia práticas corporais tradicionalmente consideradas como pertencentes ao universo escolar daquelas vinculadas ao conhecimento cotidiano, nem substitui a cultura dominante pela dominada, sendo necessário, inclusive, que a primeira seja analisada pelas lentes da segunda e que na escola sejam trabalhados temas da cultura subordinada (NEIRA e NUNES, 2009). As práticas corporais são artefatos culturais produzidos dentro de disputas da cultura mais ampla, trazendo consigo, assim, os signos daqueles grupos sociais que as geraram e as recriaram. “Logo, a leitura e interpretação dos significados atribuídos e às forças que atuam na produção das brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas constituem situações pedagógicas indissociáveis da vivência e elaboração corporal.” (NEIRA, 2019, p.40)

Tendo tal pensamento em vista, faremos, posteriormente, algumas análises em relação a experiências realizadas com a temática Danças de Salão no ambiente escolar da cidade Juiz de Fora. Objetivamos problematizar, como essa temática é trabalhada na escola, tanto nas aulas de Educação Física quanto no contraturno dos alunos por meio de projetos. Essas análises são

2 Todas essas características foram percebidas através da autoetnografia realizada pelo primeiro autor do artigo.

3 Sobre a origem do samba ver o texto “Samba” de Daniel Silva Neves. Sobre a Bossa Nova ver o texto “Bossa Nova” de Laura Aidar.

4 Cultura corporal, conceituada por Coletivo de autores (1992), refere-se a uma área do conhecimento que parte das manifestações corporais como o jogo, a luta, o esporte, a ginástica e a dança.

OLIVEIRA & ALVIANO JUNIOR; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.19, n.1, p. 239-255, 2023
feitas a partir da prática docente de um dos autores do presente artigo. Antes, no entanto, traremos os caminhos metodológicos que utilizamos no presente texto.

PROCESSOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ESTUDO

As discussões aqui apresentadas se estruturam a partir de uma metodologia de cunho qualitativo e caráter autoetnográfico de um de seus autores. Esse autor está em processo de construção de sua tese de doutorado, entrevistando professores de Educação Física de escolas públicas (municipais e estaduais) e privadas da cidade de Juiz de Fora/ Minas Gerais que atuam com a temática dança dentro do componente curricular Educação Física e também trabalham com essa manifestação cultural na escola, no contraturno dos alunos, em projetos de danças. Fazem parte desse material referente à prática de professores de Educação Física, também, os relatos de um dos autores do presente trabalho. O recorte aqui realizado em relação a sua tese de doutorado traz elementos de sua prática docente vinculada especificamente com as danças de salão. Por isso, foi descrito anteriormente o caráter autoetnográfico do presente texto. Silvio Santos (2017), citando Clair Doloriert e Sally Sambrook (2012), e Deborah Reed-Danahay (1997) dizem que autoetnografia se refere à forma de construir uma escrita sobre um determinado grupo de pertença a partir de si mesmo. Dessa maneira, em uma sessão posterior, serão descritas as experiências do primeiro autor do presente artigo, a partir do seu próprio olhar, dentro do ambiente de uma escola pública da cidade de Juiz de Fora.

Para atingir os objetivos propostos, fizemos uso de metodologia qualitativa. Tal caminho está relacionado a uma série de práticas materiais e interpretativas que refletem o mundo. Essas práticas fazem com que o mundo seja transformado em representações, como notas de campo, entrevistas, fotografias, dentre outros. A abordagem qualitativa busca estudar as coisas em seus cenários naturais, objetivando a compreensão/ interpretação dos fenômenos em função dos significados que os indivíduos a eles conferem (DENZIN e LINCON, 2006).

Foi realizada, também, uma pesquisa bibliográfica/ documental através de uma coleta na literatura disponível de dados relacionados ao estudo. Pesquisamos/ consultamos textos, livros, teses, dissertações e documentos oficiais, como a BNCC (BRASIL, 2018), relacionados aos assuntos aqui discutidos.

Procuramos referendar esse processo de pesquisa em um olhar pós-crítico embasado nos estudos culturais. Estes, segundo Tomaz Silva (2005), concentram-se na análise da cultura, sendo ela uma arena povoada por diferentes grupos sociais que se encontram em distintas posições relacionadas ao poder e que se digladiam para fazer valer os seus significados em relação à sociedade como um todo. Esse processo está intimamente vinculado à definição da

OLIVEIRA & ALVIANO JUNIOR; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.19, n.1, p. 239-255, 2023
identidade cultural e social desses grupos. Falando de uma maneira simplificada, os estudos culturais estão direcionados a questões situadas dentro da conexão entre cultura, significação, identidade e poder.

O que distingue os Estudos Culturais de disciplinas acadêmicas tradicionais é seu envolvimento explicitamente político. As análises feitas nos Estudos Culturais não pretendem nunca ser neutras ou imparciais. Na crítica que fazem das relações de poder numa situação cultural ou social determinada, os Estudos Culturais tomam claramente o partido dos grupos em desvantagem nessas relações. Os estudos Culturais pretendem que suas análises funcionem como uma intervenção na vida política e social. (SILVA, 2005, p. 134)

Os estudos culturais se originam de um esforço para que as sociedades se tornem mais igualitárias e democráticas e, também, pelo enfrentamento a movimentos de homogeneização e elitização cultural. Entendem que os diferentes tipos de conhecimento possuem o mesmo grau de importância, independentemente de sua origem ou características (FERNANDES e BRATIFISCHE, 2014).

Após essa contextualização dos caminhos metodológicos adotados, traremos alguns elementos sobre as danças de salão.

DANÇAS DE SALÃO EM FOCO

Volp (2010) define as danças de salão como aquelas que são dançadas aos pares, que desenvolvem variados passos no salão e que se harmonizam com a parceria e a música, deslocando-se no sentido anti-horário, e são praticadas em reuniões sociais diversas. É possível adotar uma conceituação mais robusta em relação às Danças de Salão, contextualizando-as dentro do momento atual que se encontram em nossa sociedade. Assim, as Danças de Salão podem ser definidas como aquelas em que as pessoas dançam aos pares dentro de uma harmonia com seu parceiro e a música. Essa dupla é formada por uma pessoa que representa a figura do cavalheiro e outra que representa a figura da dama. Cada par na dança de salão se movimenta independente do outro, sendo a dança conduzida pelo integrante que faz o papel do cavalheiro. O deslocamento no salão em que os dançarinos executam suas performances normalmente é feito no sentido anti-horário o que é chamado de Ronda. Essas danças são executadas em eventos competitivos ou eventos sociais dos mais diversos como bailes, festas, encontro de casais etc.

Segundo Perna (2001), as danças de salão estão enquadradas tanto na categoria de dança popular⁵ quanto na de dança social. Essa última classificação se deve ao fato de ser praticada objetivando socialização e diversão por casais. Sotero (2014) relaciona as danças sociais ao objetivo da diversão e do lazer, podendo ser executadas em pares ou individualmente, no entanto a busca por um companheiro ou grupo de dança para estar junto do dançarino está intimamente vinculada a sua essência.

Devido ao fato de ser uma manifestação do momento, uma dança de salão pode tanto desaparecer quanto surgir de outra dança de salão ou até mesmo sofrer modificações no decorrer dos anos. Como exemplo temos o “maxixe”, que desapareceu no Brasil, e, também, o samba de gafieira, que sofre influência de outras danças, como o tango argentino. (PERNA, 2001)

Tal constatação pode ser feita através de outros ritmos, como a lambada, que deu origem ao *zouk* brasileiro, ou o forró, que se subdividiu em várias vertentes, como o forró pé de serra, o forró eletrônico e o forró universitário. O próprio samba de gafieira, através de uma influência relacionada ao *funk*, deu origem ao samba funkeado, dança que alia movimentos do *funk* aos do samba.

As danças de salão têm algumas peculiaridades. Uma delas é percebida por Oliveira e Gouvêa (2014), que realizam análises tendo como referência o filme “Vem Dançar”, no qual um professor de danças de salão assume a responsabilidade de ministrar aulas para um grupo de alunos que apresentam comportamentos inadequados na escola. Os referidos autores pontuam que, devido ao fato de a condução da dança ser vinculada ao homem, a ele são atribuídos elementos como força, controle e ação, e à mulher são atribuídos elementos vinculados à sensualidade, à submissão e à passividade. No entanto, em um trecho posterior citado por Oliveira e Gouvêa (2014), a fala do professor Dulaine, interpretado pelo ator Antonio Banderas, traz novas características em relação à condução nas danças de salão. Ao ser questionado se o homem não acharia que manda na mulher pelo fato de conduzi-la, Dulaine responde que o homem não manda, ele propõe o que deve ser feito e caberá à mulher aceitar ou não essa sugestão e isto exige a mesma força do que conduzir.

As danças de salão surgiram dentro de um contexto machista, então era de se esperar que a posição do homem fosse algo relacionado ao domínio da mulher e da dança. No entanto,

5 Na visão de Perna (2001), dança popular é uma categoria que pode surgir a partir de causas sociais, causas políticas ou acontecimentos destacados do momento, não confundindo-se com a dança folclórica, que é uma tradição que se mantém através dos tempos, tendo origens diversas. Pode existir uma transição de tal forma que uma dança popular se torne folclórica. Isso acontece a partir do momento em que deixa de ser praticada cotidianamente e passa a ser apresentada apenas em espetáculos com a finalidade de preservação cultural.

OLIVEIRA & ALVIANO JUNIOR; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.19, n.1, p. 239-255, 2023
quando refletimos sobre a dança na atualidade, podemos perceber que existem novas formas de enxergar a condução.

Segundo Bruno Nunes e Marcia Froehlich (2018), a prática da condução, atualmente, é influenciada por questões relacionadas a gênero e sexualidade. As propostas de dama mais participativa na condução, bem como o fato de se formarem pares com pessoas de mesmo gênero, com ambas atuando como damas e cavalheiros, fazem com que significativas mudanças ocorram nas danças de salão e, por conseguinte, na forma de conduzir.

No entanto, no olhar de Carolina Polezi e Anderson Martins (2019), apesar de ter sido conquistado um avanço significativo no último século, o machismo ainda está presente em nossa sociedade, expressivamente no cotidiano feminino e nos salões de baile.

Dá visibilidade a essa questão a pesquisa de Nilza Sousa e Sandro Caramaschi (2020), na qual, a partir de um teste feito com universitários, foi constatado que os homens ainda consideram importantes atributos como beleza, vestuário e adornos utilizados pelas mulheres na escolha de suas parceiras para dançar. Por outro lado, as mulheres consideram importantes, quando se dança com alguém, características como: a não ultrapassagem dos limites estipulados por elas durante a dança; a condução dada pelo cavalheiro; terem confiança e sentirem-se protegidas.

Percebemos, assim, a atitude dos homens de buscarem parceiras bonitas e bem vestidas para satisfazer os seus desejos e de mulheres inseguras com a possibilidade de terem sua intimidade invadida por uma pessoa que não tem permissão para isso.

A partir desse cenário, temos que pensar as danças de salão, na escola, como um instrumento para discutirmos questões que estão presentes em nossa sociedade, como o machismo, questões relacionadas a gênero, dentre outros assuntos.

Entendemos que as danças de salão podem ser um instrumento para a discussão dos assuntos acima referendados, como também de outras temáticas de relevância social. Para exemplificar nosso entendimento, serão apresentadas, logo em seguida, algumas experiências realizadas em uma escola pública da periferia da cidade de Juiz de Fora com danças de salão.

O TRABALHO COM DANÇAS DE SALÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Esta parte do texto está destinada à descrição e análise das experiências do primeiro autor do presente texto com danças de salão em uma escola pública da periferia de Juiz de Fora. Dessa maneira, utilizaremos, a partir de agora, e somente nessa parte do texto, a primeira pessoa do singular nos relatos, no entanto todas as falas e reflexões passaram pelo escrutínio do segundo autor, que é orientador do primeiro em sua tese de doutorado.

Serão descritos e analisados o primeiro contato do professor com a escola nas aulas de Educação Física; o projeto de dança que acontecia no horário extracurricular dos alunos; as músicas que os alunos gostavam de ouvir; o contato dos discentes com um trabalho vinculado às danças de salão; as dificuldades enfrentadas na proposição de músicas/ danças fora do universo do *funk*; as potencialidades do trabalho com danças de salão na escola; a existência de grupos de dança na comunidade em que estava situada a escola; a apresentação dos alunos em teatros da cidade de Juiz de Fora.

O contato inicial com os alunos foi repleto de conflitos devido à forma como a Educação Física era trabalhada em momentos anteriores na escola, sem direcionamento para nenhuma temática específica da Educação Física, através de uma constante “aula livre” para os discentes. A partir dessa realidade, foram propostos inúmeros momentos de negociação que passavam pelo trabalho com aquilo que os alunos queriam fazer nas aulas, ou seja, jogar futebol, e por outras aulas com temáticas como jogos e brincadeiras, esportes e dança. Em relação a essa última temática, havia uma resistência maior, por parte dos estudantes, em participar das atividades, principalmente daqueles do gênero masculino. Existia por parte deles o conceito de que dança é algo vinculado ao universo feminino, assim não era atividade para “homens”. Isso fazia com que a participação nas atividades de dança fosse reduzida se comparada com outras atividades de cunho esportivo ou vinculadas às temáticas jogos e brincadeiras. Tal situação caminha junto com o pensamento de Marques (2012), que destaca três preconceitos advindos do imaginário social e que impedem a consolidação da dança como conteúdo da escola. Um deles é a dança ser considerada uma prática vinculada ao universo feminino.⁶ Quando, nessas aulas, eram propostos movimentos ou músicas direcionadas ao universo *hip hop* ou melodias de *funk*, havia uma maior participação dos estudantes.

Além das aulas de Educação Física, existia na escola um projeto de dança que fazia parte da carga horária do professor de Educação Física e atendia alunos no horário do contraturno. Inicialmente, esse projeto era voltado somente a estudantes da instituição, no entanto, após algumas negociações, passou a atender também não alunos. Como era minha primeira experiência no ambiente de uma escola pública, procurei conhecer a realidade em que os alunos estavam inseridos, que músicas ouviam, que papel a dança possuía na vida deles. Para minha surpresa, existiam, nos arredores da escola, alguns grupos de dança vinculados ao universo da música *pop*, do *funk* e do *hip hop*, e integrantes desses grupos faziam parte desse projeto de dança. Tal informação foi bastante relevante, pois passei a organizar as aulas a partir da

⁶ Os outros dois preconceitos serão destacados posteriormente no texto

OLIVEIRA & ALVIANO JUNIOR; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.19, n.1, p. 239-255, 2023
experiência que tinha com danças de salão e com danças urbanas, levando em consideração também as experiências/ vivências que os alunos possuíam com a temática dança e assim diferentes coreografias foram construídas. “O começo de todo trabalho educativo coreográfico precisa partir da leitura prévia do professor em relação à comunidade em que desenvolverá suas atividades e as propostas de dança na escola podem ser consequência de sua intervenção e intermediação.” (FERNANDES e BRATIFISCHE 2014, p. 77).

Inicialmente a maioria das músicas, trazidas pelos estudantes, estava relacionada ao universo do *funk*, algumas delas com um palavreado extremamente sexualizado, com expressões que depreciavam a mulher, palavrões etc. Eu considerava algumas dessas expressões inadequadas para o ambiente escolar, mas entendia que naquele momento era necessário abrir um canal de comunicação com os alunos que os fizesse entender que minha ideia era a construção de “algo dançante” que levasse em consideração a cultura dos discentes, suas formas de expressão.

Nesse momento inicial, houve certa resistência de algumas pessoas da comunidade escolar por entenderem que esses ritmos não eram adequados para serem trabalhados na escola, que o trabalho deveria focar em danças mais tradicionais, como *ballet* e danças de salão, pois eu me apresentava na escola como professor dessa modalidade. As danças de salão eram bem aceitas desde que vinculadas a algo mais tradicional, como um samba canção, um bolero ou um tango. Tal realidade mostra como as danças e expressões oriundas da periferia são ainda consideradas de menor valor se comparadas com outras manifestações mais elitizadas. Apesar de algumas danças de salão surgirem dentro de ambientes mais populares e periféricos, muitas delas passaram por um processo de elitização e são praticadas, majoritariamente, em academias, por indivíduos que possuem condições para arcar com os custos das aulas.

Já nessa época, de uma maneira tímida ainda, tinha a compreensão de que do popular ao erudito todas as manifestações da cultura corporal devem ter seu espaço na escola. Mesmo não possuindo um arcabouço teórico naquele momento sobre essas questões, meus pensamentos caminhavam juntos com a teorização dos estudos culturais e, também, com Marcos Neira (2018), defensor do currículo cultural da Educação Física, segundo o qual a experiência escolar pode contar com contribuições advindas das diferentes culturas, provenientes de diferentes grupos sociais.

Dessa maneira, entendia que a cultura dos alunos deveria ser valorizada e que algumas letras contidas nas músicas populares dentre eles deveriam ser discutidas, contextualizadas, pois faziam parte de seu universo cultural.

A “dança vista como produção cultural está inserida também em constantes negociações na construção e mediação de diferentes significados.” (FERNANDES e BRATIFISCHE, 2014, p. 71). Muitas coreografias realizadas por crianças e adolescentes são provenientes de músicas que carregam um determinado discurso, uma maneira de representar o mundo. Essa característica não está presente apenas no *funk*, mas também em outros estilos musicais. Da mesma forma que existem discursos preconceituosos em relação à mulher em letras de *funk*, existem discursos preconceituosos em outros estilos musicais. Marchinhas de carnaval como o clássico “teu cabelo não nega”, de Lamartine Babo, trazem o preconceito escancarado em versos - “mas como a sua cor não pega mulata, mulata, eu quero o seu amor”.

A apologia ao consumo de drogas, por exemplo, não é exclusividade do *funk* ou do *rap*. Uma pesquisa realizada pelo *site* addictions.com a pedido da Newsweek⁷ mostra que o *country* é o estilo musical que mais faz menções a drogas, seguido pelo *jazz* e o *pop*. O *rap*, por exemplo, aparece no fim dessa lista. Isso quer dizer que devemos naturalizar na escola músicas que trazem discursos preconceituosos ou que estimulam o consumo de drogas? Acredito que não.

No entanto não é possível negar a existência delas, não é possível negar que elas fazem parte da cultura de muitos alunos e, principalmente, não é correto caracterizá-las como sendo algo pertencente somente à cultura popular e vinculada à periferia das cidades. Não é possível fingir que as danças de cunho extremamente sexualizado ou que tenham letras que fazem apologia ao consumo de drogas não estejam presentes na vida das crianças e dos adolescentes, mas existe a possibilidade de trazer elementos que permitam aos alunos compreenderem os discursos que essas letras e danças carregam, auxiliando-os a entenderem a realidade em que estão inseridos e estimulando neles uma visão mais crítica em relação ao mundo em que vivem.

Com isso em mente, através de discussões com os estudantes, eu buscava conversar sobre a mensagem que cada uma das músicas que trabalhávamos passava. Muitos dos estudantes sabiam as coreografias das músicas que eram populares, mas não colocavam atenção nas letras, não sabiam o que significavam algumas expressões. Como exemplo, cito uma aluna que não sabia o que significava a palavra “potranca”. Ela ficou surpresa ao saber que a palavra significava égua, o feminino do cavalo. Ela inclusive indagou: “então eu tô sendo chamada de égua nessas músicas?”, eu disse que sim. Para alguns discentes, essa discussão fez sentido, para outros não. Eles continuavam a cantar as músicas e realizar as coreografias mesmo tendo consciência de que muitas expressões eram bastante pejorativas em relação à mulher, estimulavam a violência ou estimulavam o consumo de drogas, dentre outras situações. No

⁷ Disponível em <https://papodehomem.com.br/qual-genero-musical-mais-faz-referencias-as-drogas-nao-e-o-rock-e-nem-e-o-rap/> . Acesso em 16.08.2022.

OLIVEIRA & ALVIANO JUNIOR; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.19, n.1, p. 239-255, 2023
entanto chegamos ao consenso de quais músicas poderiam ser coreografadas e apresentadas pelo grupo e quais não poderiam.

Naquele momento, percebia que, dentre as atividades que eu levava para as aulas, aquelas vinculadas às danças urbanas não encontravam resistências no grupo de dança, pois se aproximavam do que eles praticavam. Já as vivências com danças de salão apresentavam inúmeros obstáculos que perpassavam pelas músicas, pelo fato de as coreografias e práticas serem executadas em casais/ duplas e pelo entendimento de que essa era uma prática que estava fora do universo dos “jovens”. Alguns discentes citavam, inclusive, em tom de deboche, um bar da comunidade no qual eram tocadas músicas de forró e era frequentado por pessoas “mais velhas”.

Além disso, o número de meninas era muito superior ao número de meninos no grupo. Isso fazia com que algumas das práticas fossem realizadas entre meninas, havendo a cobrança constante de que houvesse mais meninos. Isso não impedia o trabalho com ritmos vinculados às danças de salão, mas dificultava bastante.

Com o tempo, mais integrantes de grupos de dança que existiam fora do ambiente escolar começaram a frequentar as aulas do projeto. Um desses grupos era composto somente por meninos, que traziam consigo uma experiência significativa relacionada à cultura *hip hop*. Percebi, a partir desse contato, que os alunos do projeto se motivavam com músicas que os desafiavam. Comecei a pensar então em uma forma de trazer isso para o trabalho na escola. Como professor de danças de salão, trabalhava com a modalidade de “dança acrobática”⁸ e levei para os alunos, em um dado momento, a execução, juntamente com minha parceira de dança, de diferentes músicas de danças de salão aliadas a movimentos acrobáticos. O interesse dos alunos em relação às danças de salão se transformou, pois eles encontraram algo que os motivava e desafiava.

Consigo relacionar essa transição vivida nas aulas com uma passagem do filme “Vem Dançar”, descrita por Oliveira e Gouvêa (2014), quando o professor leva para as aulas uma apresentação de tango repleta de sensualidade, o que motivou os alunos a dançarem mudando sua visão em relação as danças de salão. Para além do aspecto motivacional, acredito que o fato de eu ter trazido algo voltado ao acrobático aproximou as aulas daquilo que era comum para eles. A maioria dos discentes possuía uma vivência nos elementos da cultura corporal bastante rica. Era comum os alunos do projeto de dança praticarem capoeira e esportes na comunidade

8 O termo dança acrobática refere-se a movimentos em que o cavalheiro faz acrobacias com a dama, como, por exemplo, o movimento denominado parafuso, no qual o cavalheiro pega a dama no colo, arremessa ela para o alto rodando no próprio eixo e depois a pega no colo novamente.

OLIVEIRA & ALVIANO JUNIOR; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.19, n.1, p. 239-255, 2023
e, também, realizarem diferentes brincadeiras que os desafiavam o tempo todo, como escalar muros, jogar futebol em espaços improvisados, empinar pipa.

Tendo em vista essa realidade e aproveitando a identificação dos discentes com movimentos acrobáticos, comecei a propor que eles criassem seus próprios movimentos em duplas. Uso o termo duplas porque, naquele momento, apesar de existir um número maior de meninos no grupo, esse número não era suficiente para formar pares com todas as meninas, o que ocasionou que algumas delas dançassem entre si. Apesar de ser algo que gerava algumas situações de conflito, isso permitiu que discussões relacionadas a gênero fossem realizadas. Discutimos que, mesmo existindo uma configuração mais tradicional na dança – homem x mulher, outras configurações podiam também ser trabalhadas, mulher com mulher e homem com homem, caso fosse necessário. Tal argumento foi aceito por alguns dos alunos e rechaçado por outros. Entendo, assim, que o meio educacional é um campo de disputas por significados e que, ainda hoje na sociedade, configurações de casais que saem do perfil homem x mulher ainda causam bastante estranhamento, mesmo que essas configurações estejam presentes apenas na execução de uma coreografia.

Em relação ainda às dificuldades enfrentadas e retomando o pensamento de Marques (2012), outro preconceito dentre os três⁹ advindos do imaginário social e que impedem a edificação da dança como conteúdo escolar seria o receio do trabalho com o corpo devido à compreensão de que esse trabalho é algo pecaminoso. Tal característica também foi verificada em minha prática com a temática dança, principalmente, devido à existência de um discurso na escola vinculado ao meio gospel, segundo o qual, a dança deveria ser praticada somente com finalidade religiosa. Qualquer manifestação “mundana” da dança não seria permitida. Tal situação fazia com que alguns alunos não entrassem no grupo de dança mesmo tendo interesse e vontade. Outros, nas aulas de Educação Física, não participavam das atividades vinculadas à temática se utilizando do argumento religioso para fazerem isso.

Ainda sobre a temática danças de salão, percebi que, com a entrada de movimentos acrobáticos, os alunos passaram a ter uma nova forma de representar/ compreender essa modalidade e deixaram de vê-la como algo vinculado somente à terceira idade.

Mesmo sendo o projeto frequentado por um número reduzido de alunos se comparado ao de alunos que participavam das aulas de Educação Física, as aulas do projeto influenciaram muitos discentes em relação à forma como enxergavam a dança nesse componente curricular. Embora tenha havido muita negociação para a realização das aulas com essa temática, o olhar

9 O terceiro seria a concepção negativa de arte e artista histórica e socialmente construída.

de alguns estudantes mudou, pois passaram a enxergá-la não mais como algo vinculado somente ao universo feminino. Penso que o fato de eu ser homem e dançar também auxiliou nesse processo. Considero importante dizer, ainda, que, a partir dessa experiência inicial, as danças de salão passaram a não ser tão estranhas para os alunos como um todo e sua prática na escola foi gradativamente encontrando menos resistências.

Ao final desse primeiro ano de trabalho, as experiências realizadas tanto na Educação Física quanto no projeto de dança levaram a uma “produção cultural” executada em um teatro da cidade, com diferentes coreografias de músicas pop, de danças de salão e também de *funk*, sendo que a comunidade da escola, pais, funcionários e professores foi convidada para assistir tal apresentação. Além disto, participamos de festivais e eventos em outros locais e instituições escolares. Um deles realizado no Cine Teatro Central, maior, mais famoso e mais tradicional teatro da cidade de Juiz de Fora. Essa apresentação foi a primeira vez em que muitos de meus alunos e, também, de seus familiares pisaram dentro desse teatro, mesmo sendo ele um local de apresentações diversas que acontecem durante todo o ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem outras questões que poderiam ter sido abordadas em relação à experiência com dança exposta anteriormente. Devido às limitações do presente trabalho, os relatos foram breves, sem muitos pormenores. No entanto, essa experiência vivida foi essencial para a formação pessoal e profissional do primeiro autor do presente artigo. Foi importante para o entendimento que ele constrói dia após dia de que a escola é um local no qual convivem diferentes pessoas, com diferentes maneiras de se expressar, de diferentes culturas, e estas devem possuir igual importância nas vivências propostas dentro do ambiente escolar.

A dança é, de uma maneira geral, pouco tematizada no ambiente escolar dentro das aulas de Educação Física. Ainda existe uma prevalência do trabalho com o conteúdo desportivo em detrimento das demais temáticas dentro desse componente curricular. (BRASILEIRO, 2003).

Com base nas diferentes entrevistas realizadas para a confecção da tese de doutorado do primeiro autor, a qual está em processo de escrita e foi anteriormente referendada, constatamos que diferentes professores apontam a formação que tiveram na graduação como insuficiente para abordar a temática dança nas aulas de Educação Física. Percebemos que esses profissionais relacionam o trabalho que fazem no ambiente escolar a vivências que tiveram fora do seu ambiente de formação acadêmica inicial. A partir desse cenário, podemos entender que o trabalho com dança é ainda atribuído a um saber fazer e, por não ter conhecimentos técnicos, o professor acaba se direcionando a atividades com as quais tenha mais afinidade.

Para além dessa característica, a dança na escola ainda está envolta em alguns tabus, como aqueles relacionados ao gênero dos alunos, os ligados a questões religiosas ou aqueles que vinculam qualquer manifestação artística na escola a algo direcionado somente ao lazer, uma atividade para distrair/ ocupar as crianças e adolescentes em seu tempo livre.

No entanto, a partir de reflexões de autores como Marques (2012), Sborquia (2002), Strazzacappa (2011), Volp (2010), dentre outros, podemos entender que a dança, bem como as danças de salão possuem grande potencialidade dentro do ambiente escolar, sendo, assim, legítimas e necessárias de serem trabalhadas. As experiências aqui descritas e realizadas em uma escola da periferia de Juiz de Fora também caminham nessa direção de compreensão da importância da tematização da dança dentro da escola.

Ainda temos um caminho a percorrer em direção a um trabalho sistemático na escola com diferentes modalidades de dança, inclusive as danças de salão. Ainda é necessário que ampliemos as discussões sobre essa temática na escola e, também, nos cursos de formação que preparam docentes para a educação básica. É importante também que no meio acadêmico existam mais discussões a respeito dessa manifestação artística e cultural. Caminhando nessa direção, acreditamos que, com o passar do tempo, a dança não seja algo distante do trabalho dos professores dentro das instituições escolares e que poderemos abordar em nossas discussões mais suas potencialidades e menos as dificuldades que os professores enfrentam ao tematizar essa manifestação da cultura humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIDAR, Laura. Bossa Nova. **Toda matéria**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/bossa-nova/>. Acesso em 04 de agosto de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASILEIRO, Lívia Tenório. O conteúdo “Dança” em aulas de Educação Física: temos o que ensinar? **Revista Pensar a Prática**, v. 6, p. 45-58. jun. 2003. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/56/55>. Acesso em 04 de jul. de 2020.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvonna Sessions. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, p. 15-41, 2006.

FERNANDES, Rita de Cássia; BRATIFISCHE, Sandra Aparecida. Possibilidades pedagógicas das danças folclóricas: o gesto ressignificado nas aulas de educação física escolar. In:

- OLIVEIRA & ALVIANO JUNIOR; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.19, n.1, p. 239-255, 2023
- EHRENBERG, Mônica Caldas; FERNANDES, Rita de Cássia; BRATIFISCHE, Sandra Aparecida (org.). **Dança e educação física: diálogos possíveis**. 1. ed., Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2014, p.67-115.
- GRAMORELLI, Lilian Cristina; NEIRA, Marcos Garcia. Concepções de cultura corporal e seus reflexos no ensino da Educação Física. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org). **Educação Física Cultural**. São Paulo: Ed. Blucher, 2016. v. 4. p. 87-103.
- MARQUES, Isabel Azevedo. **Dançando na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- MORANDI, Carla. A Dança e a educação do cidadão sensível. In: STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **ENTRE A ARTE E A DOCÊNCIA: a formação do artista de dança**. 4. Ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2011, p. 71-125.
- NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da educação física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.16, n.1, p. 4 - 28 jan./mar., 2018.
- NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica**. 2.ed. Jundiaí, São Paulo: Paco, 2019.
- NEIRA, Marcos Garcia; Nunes, Mário Luiz Ferrari. **Educação física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.
- NUNES, Bruno Blois; FROEHLICH, Marcia. Um novo olhar sobre a condução na dança de salão: questões de gênero e relações de poder. **Revista Artes e Inclusão**. Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 91-116, Abr./ Jun., 2018.
- OLIVEIRA, Anderson José de. **DANÇA, CURRÍCULO, CULTURA E ESCOLA: um mundo de representações nas aulas de Educação Física**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Em fase de elaboração.
- OLIVEIRA, Anderson José de; LEITE, Luciana Gouvêa. Vem dançar: educação, corpo, gênero e dança de salão. **ANAIS**. VI Seminário Corpo, gênero e sexualidade, II Seminário Internacional corpo, gênero e sexualidade, II Encontro gênero e diversidade na escola. Juiz de Fora, MG. Set., 2014.
- Qual o gênero musical mais faz referências às drogas? Não é o rock e nem é o rap. **Papo de Homem**. Maio, 2017. Disponível em <https://papodehomem.com.br/qual-genero-musical-mais-faz-referencias-as-drogas-nao-e-o-rock-e-nem-e-o-rap/>. Acesso em 16.08.2022
- PERNA, Marco Antônio. **Samba de Gafieira: a história da dança de salão brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: O Autor, 2001.
- POLEZI, Carolina; MARTINS, Anderson Luiz Barbosa. Condução e contracondução na dança de salão. **Periódico Horizontes**, Itatiba, SP, v.37, p. 1-14, 2019.
- SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL**, São Paulo, v.24.1, p. 214-241, 2017.

OLIVEIRA & ALVIANO JUNIOR; ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.19, n.1, p. 239-255, 2023
SOTERO, Mildred Aparecida. Inter-relações entre dança, lazer e educação: contribuições para o currículo escolar. In: EHRENBERG, Mônica Caldas; FERNANDES, Rita de Cássia; BRATIFISCHE, Sandra Aparecida (org.). **Dança e educação física: diálogos possíveis**. 1. ed., Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2014, p. 117-148.

SBORQUIA, Silvia Pavesi. **A dança no contexto da Educação Física: os (dês) encontros entre a formação e a atuação profissional**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação Física, UNICAMP. Campinas, p. 178, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed, 9.reimp., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

SILVA, Daniel Neves. "Samba"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/cultura/samba.htm>. Acesso em 04 de agosto de 2022.

SOUSA, Nilza Coqueiro Pires de Sousa; CARAMASCHI, Sandro. Papel social da dança entre universitários e a seleção de parceiros amorosos. **Psicologia do Argumento**, Paraná, v. 38, n.100, p. 264-289. Abr./ jun., 2020.

STRAZZACAPPA, Márcia. A Dança e a Formação do Artista. In: STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência: a formação do artista de dança**. 4.ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2011, p. 10-69.

TOSTI, Nádia Lúcia Galbiatti; RINALDI, Ieda Parra Barbosa. Despertando o interesse pela dança na escola. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. Curitiba: SEED/PR., v.1, 2012. p. 1-17 Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uem_edfis_pdp_nadia_lucia_galbiatti.pdf . Acesso em 24.11.2021.

VOLP, Catia Mary. A Dança de Salão como um dos conteúdos de dança na escola. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.1, p.215-220, jan./mar., 2010.